

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 23 de Dezembro - 1926

5 TOSTÕES



33

sempre
fixe semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

A CONSOADA NO CARMO



O peru--- «Ave Censura, moriturus te salutat» ... com um comovido glu-glu



Os ditos da semana



A politica tambem fornece as suas anedotas. Se não fosse mesmo a politica, não havia anedotas. As inventadas são quasi sempre autenticas, ou quando não são vem mais tarde a sê-lo.

E' uma questão de tempo. Com uma anedota desafia-se a posteridade. Fala-se do deputado X. e do ministro Y— não pelo seu talento ou pelas suas ideias— mas pelas calinadas que dizem, pelas gaffes que cometem, pelas distrações em que incorrem.

Ora, uma vez, num pais minusculo, exactamente como Portugal, houve um ministro da Instrução que protegeu exuberantemente a familia com o sêlo em branco do Estado, ainda que para bom fim da respectiva familia é do respectivo Estado.

Logo um rato de secretaria exclamou de improviso:

—Aquele não usa Saude e Fraternidade nos despachos. Vai antes pelo — Saude e Paternidade. S. Jorge do Castelo lhe valha!



Na quinta feira, logo á noite, ao dar das doze, o menino José Portugal, desce da sua caminha de dividas publicas, acende a vela do «deficit», calça os sapatos rôtos das reparações alemãs—e vai até á cozinha da governação publica.

Ali, junto da chaminé do ministerio das finanças, com larga tiragem de empréstimos por fazer, depõe, com cautelas inherentes á archaica tradição, um dos seus sapatinhos.

Regressa á cama, sonha com o Menino Jesus inglez, que o ha de sempre proteger nos maus encontros internacionais, e acorda de manhã, fresco, esperançoso, alegre.

O que estará dentro do sapatinho? A poucas horas do acontecimento, podemos desde já enumerar os celestes presentes:

—Varias revoluções. A do 28 de Maio, película de grande espectáculo, desdobrada em trez séries, au «ralenti».

—O julgamento de Marang, o homem mais honesto do século, que quiz salvar Portugal e que merece ser estatuido, tendo aos pés a honra e a justiça. Uma cega, a outra tropega.

—Alguns postais com scenas de «grand guingnot», endereçados a Augusto Gomes, cadeia do Limociro.

—Um inocente abalo sismico, destinado a fazer o réclame geografico do nosso paiz, nos grandes jornais do mundo.

E, por ultimo, recortadinhos em cartão, com o monco cahido, sete milhões de perús... que são outros tantos portugueses.



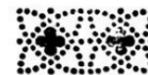
Ah! o progresso a cargo do Sindicato de Santo Amaro! Já repararam num caixote, mais ou menos safado, que pretende descer a Calçada da Bica, mas que está sempre cá em cima, a vêr navios no Alto de Santa Catarina, como um velho rheumatico e perguicoso? O monstro, o caixote, ainda não começou a funcionar... mas já entrou a matar. A primeira victima foi um pobre diabo, que ficou ferido, sem que para isso tivesse tirado bilhete naquela linha... do outro mundo.

Registamos o acidente, felicitando a companhia por poder inscrever nos seus livros de oiro, mais uma victima, ao lado dos varios casos de

raiva jornalística, de que estão sendo acometidos, diariamente, os concuctores e guardas dos electricos.



O nosso querido amigo Alfredo Moraes, aguarelista distincto, inaugurou ha dias uma exposição dos seus trabalhos, na Imprensa Nacional. O certamen foi muito visitado pelas autoridades. O expositor ofereceu, oportunamente, ao sr. general Carmo-na, um dos seus melhores quadros. Trata-se dum garboso soldado de cavalaria, da antiga Guarda Municipal de Lisboa,—belo documento de indumentaria, que está a pedir muzeu.



A Republica criou um costume: a sindicancia. Fala-se muito — sindicancia! Quer-se proteger um funcionario pouco escrupuloso—sindicancia! Inutilisar um concorrente—sindicancia.

E' a sindicanciô-mania! Me-



Sabem os senhores quantos divorcios officiais ha em Lisboa, por semana? Seis! Dizemos officiais, porque todos nós temos um divorciosinho particular e clandestino, quando o diabo mal se precata e qualquer senhora passa por nós, sósinha, isolada, ou mal acompanhada. Seis divorcios! Digam lá que «paus» não é um grande naipe, na «bisca» do amor?



Ha quarenta anos o restaurante do Jardim Zoologico, quebrou por falta de freguezes.

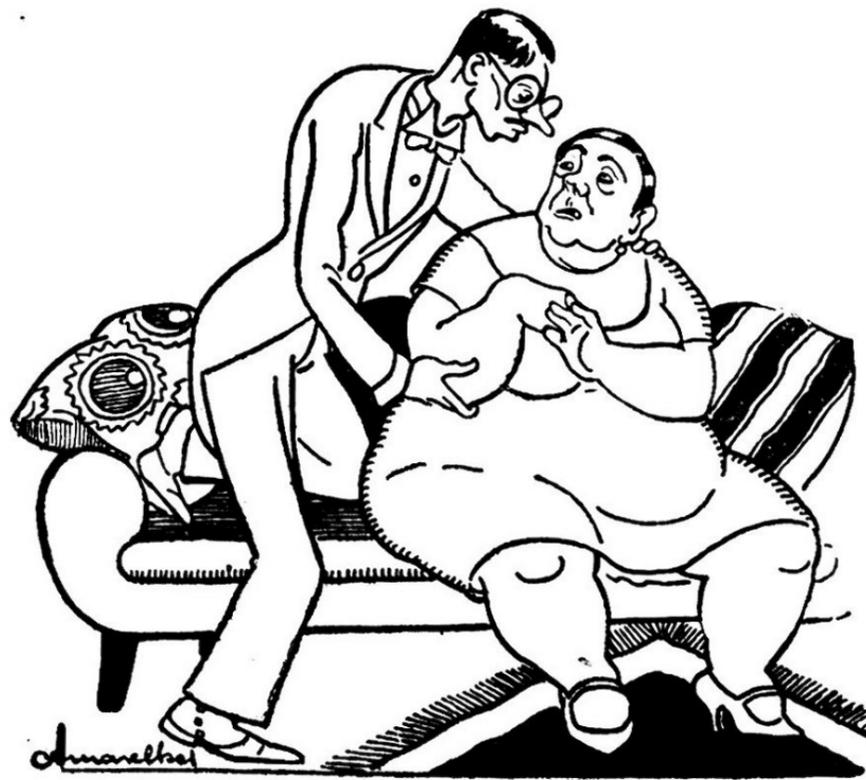
Pobres animais os desse tempo!



A Avenida Almirante Reis quer ser gente. Quer vir passear até ao Rocio. Compreende-se, esta farta de vêr enterros. A C. M. L. tem os seus projectos e os moradores da arteria, outros. Muitos bons, mas completamente diferentes, como se calcula da unanimidade de opiniões, que é apanagio da nossa gente. Uns querem que a avenida não passe do Socorro. Justifica-se. Se lhe der algum aperto, tem logo quem lhe acuda... Outros querem-na recta até á estação do «metropolitano», do Largo de S. Domingos, por causa das necessidades fisiologicas que ocorrem a todo o bom transeunte. Outros ainda, curva, em alguidar; e ha tambem quem a deseje em obliqua—são os bebados, que vêem tudo torto. Não seria bom consultar a Avenida? E' possivel que responda:

—Vão áquela parte., que não quero ir a parte nenhuma.

Pergunta indiscreta



Ele—Que idade tem?

Ela—Aquela que pareço.

Ele—Sim?! Julgava-a muito mais velha.

Ao seu doutô...

Leopoldo Frois

*Do sangue quente, desse Algarve lindo,
de tua mãe herdaste a sã pertença
unido a outro igual na parecença
pelo calor desse Brasil infindo!...*

*—Com ele tu venceste, construindo,
num meio aonde a arte não se incença,
prégando, pelo teatro, a fé e a crença,
e as praças velhas sempre demolindo...*

*—Eu, teu amigo dentre os muito mil,
confesso que não é habitual
prender-me a um espirito gentil...*

*...mas, vendo o teu valor excepcional,
admiro o carioca do BRASIL,
que vem feito alfacinha a PORTUGAL!...*

JOSE BARBOSA (J.OR)

PERFIS ALFACINHAS

Gemeos

São tão iguais, ha tantos anos!...

*A mesma altura, os mesmos gestos,
ambos calados e modestos
este interessante par de manos.*

*Os fatos são dos mesmos panos,
iguais tambem são os aprestos,
nunca souberam andar lestos
desde a infancia até vel'ranos.*

*Assim felizes, nesta terra,
o que faz um, o outro faz,
mas o «bem» só neles se encerra.*

*embora tenham no cartaz
um nome que, sendo de Guerra
viveram sempre em boa Paz...*

JOSE BARBOSA (J.OR)

ALFREDO FERREIRA



**O interesse economico do Paiz
e as Forças Vivas a "cava-lo..."**

Restaurant Rosa de Malo

Rua de S. Nicolau, 122—Tel. C. 245

Explendido serviço de almoços e jantares
Almoços e Hols d'Oeuvre, 2 pratos, fruta,
café, 10\$00; Jantares, copa, 3 pratos, doce,
fruta, café, 11\$00. e um bom serviço de
lizia. Est: estabelecimento tem uma con-
fortavel sala no subterraneo.

BRISTOL CLUB DANCING

Jantar concerto das 10 ás 22 h.

OS INQUERITOS DO «FIXE»

Que impressão LHE FEZ o tremôr de terra?

O *Fixe*—que é o jornal mais actual da actualidade — não quer deixar de acompanhar de perto todos os grandes acontecimentos que se vão registando em Lisboa.

E assim, resolveu abrir um inquerito entre varias entidades, com base nesta pergunta:

—Que impressão lhe fez o tremor de terra?

Vejamos as respostas.

* * *

O sr. Antonio Maria da Silva tentou agarrar-se á pera, esquecido de que, num momento de neura, a rapara:

—Até julguei que era outra vez o Gomes da Costa, a avançar com as divisões todas. Tanto barulho!

* * *

O sr. dr. Bernardino Machado estava em Belem.

—Já me aconteceu isto, mais ou menos, varias vezes. Quando vi que não me aguentava no balanço, abalei para a Cruz Quebrada...

* * *

O sr. dr. José Domingues dos Santos só teve pena de que o fenomeno fôsse vertical:

—Se fôsse horisontal, ainda havia a esperança de ir tudo para a esquerda...

* * *

O sr. Cunha Leal — não sentiu abalo nenhum com o abalo:

—Estava a almoçar — e continuei a comer...

* * *

Um pintor illustre — dos mais illustres da nossa terra — respondeu assim:

—Quando senti o terramoto, julguei que era o sr. Quirino da Fonseca a derrubar mais coisas, e a deixar á mostra mais predios côr de feijão encarnado, como os dos Restauradores...

* * *

Um director dum Banco — que já de ha muito anda bastante tremido — disse para os empregados quando os viu a fugir:

—Não corram, porque, nesta altura, não ha nada tão perigoso como uma corrida!...

* * *

O sr. João Maria Ferreira tinha

ido a Vila Franca de Xira comprar um cavallo para fazer parrelha:

—E tive pena, porque assim não pude estar no epicentro...

* * *

Um estudic: :

—A unica coisa que me deu quo seismar foi o sismografo ter-se partido. Mas depois explicaram-me: Aquilo é mesmo assim: quando o sismografo se parte, já se sabe que houve um tremor de terra.

Já se sabe — e já se vê...

* * *

Um dono duma casa de penhores, que é estúpido como um prégo, correu á pressa as portas onduladas e gritou:

—Cá dentro é que ele não vem!

* * *

Um preso filosofou:

—Pela primeira vez estou contente com a solidez deste «palacio». Se calhar, a estas horas, o meu já foi pelo ar...

* * *

Uma menina dos telefones desmaiou. E quando voltou a si, exclamou:

—Mas que horror! Assustei-me tanto que até quebrei a linha...

* * *

O *Noite*, que está sempre escamado, desatou a protestar:

—Que raio de homens de sciencia temos nós? Nem ao menos adivinham os tremores de terra! Não sei para que é que lhes servem os «tremometros» ...

* * *

O Stuart definiu bem a importancia do tremor de terra, nestes termos (*termo* é uma palavra a caracter, nesta altura):

—Aquilo foi tão grande, que até eu, neste estado, o senti...

* * *

Um humorista comentou:

—Não dei por isso. Mas dali a bocado vi a cidade cheia de rachas. O mulhero estava todo na rua...

—E você?

—Eu? Nada...

* * *

O *Sempre fixe* não tremou — porque nunca treme!

Paradoxos dum vagabundo

Não me explico a razão porque o sr. dr. Ricardo Jorge me chama «vagabundo». Se eu ando assim ao Deus dará, exactamente por não haver no mundo uma vaga para mim!...

* * *

Tenho uma especial antipatia pelos seguintes animais: os cães, os bodes, os ciclistas, os policias e os automove's.

* * *

Se me perguntassem o que queria ser na vida, responderia: «Paralítico». Só assim conseguiria descansar do muito que tenho andado por esse mundo de Cristo. A não ser que me arranjassem um lugar num Banco...

* * *

A melhor maneira de não sentir o frio nem o calor é apanhá-lo, durante meses e meses seguidos. Chega mesmo a gente a familiarisar-se tanto com eles que até os trata por tu.

* * *

De vez em quando leio nos jornais que, para salvar o país, o que é preciso é cavar. Julgo cumprir o meu dever de patriota, pois passo a vida a cavar de terra em terra.

* * *

Perguntaram-me um dia se eu nunca tive as delicias do Amôr. O Amôr será acaso melhor do que um caldinho bem quente e uma sardinha assada?

* * *

Oço falar muitas vezes nas bôcas do Mundo. Dizem até que mais vale andar no mar alto. Não sei que fundamento isto tem; mas, realmente, as tais bôcas devem ser de muito allimento, porque não nos deixam nada para nós...

* * *

Ouvi ontem cantar o fado. Uma mesa, dois copos, três garrafas. Ele tocava guitarra, enquanto ela cantava:

*Minha mãe foi o que eu sou,
e sou o que as outras são...*

E caso para perguntar:

—O que virá a ser a filha?...

* * *

Ha duas coisas no mundo que eu nunca apreciei: andar de automovel e beber *Champagne*.

Porquê? — perguntarão admirados. Se toda a gente gosta imenso...

Ora porquê? Por uma simples razão: — nunca os tive...

JOÃO CAMINHANTE

Depois do abalo sismico o abalo "gossmico"



—Nem o Menino Jesus cá põe os pés nem eu cá ponho as botas.

BRISTOL CLUB DANCING
O UNICO SEMPRE EM FESTA

!! Não queira ficar assim !!

USE a **VITELINA-VITERI**

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO \$300

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, D. - LISBOA



TEATRO

«RETROZ PRETO...»

Pedro Bandeira, entrou numa casa do ferragens na Rua Alves Correia para comprar um objecto.

Depois de muito esperar, veio o caixeiro aviá-lo, quando esbaforido, entra um novo freguez, perguntando:

—«Tem ratoeiras? Grandes?» Dirige-se á porta, volta para o balaão, a passos largos, e exclama apressado: —«Dê-me uma! Vamos! Avie-se, quero apanhar o comboio!»

—Dessas não ha! Ratoeiras para apanhar o comboio não encontra! — exclamou Pedro Bandeira, desconcertando o importuno.



Como sabem, Ramalho Ortigão traduziu o *Marquez de Villmer*, numa época em que as senhoras tinham tranças e outros compridos atributos capilares. Agora, porém, aparece no dialogo, uma *piada* aos cabelos curtos.

Será uma nova tradução ou uma inovação?

Que o diga Erico Braga, continuador da obra do autor das *Farpas*...



O velho actor Ferreira, que era conhecido pelo Ferreira Bêbê, vivia com grandes dificuldades e muitos expedientes. Em certa ocasião formou uma companhia para ir a Aldeia Galega. Prometera dinheiro adiantado a todos os artistas. Quando chegou a hora do embarque já estava a companhia a bordo da falua.

Entrou muito atarefado e sem vintem. Toda a gente correu para ele com mira no abono.



O fado na «MOURARIA»

O Ferreira premeditadamente, fez um movimento brusco, caíndo-lhe a carteira no rio.

Então começou gritando:

—Estou desgraçado! Aquela carteira é toda a minha fortuna. Dez libras!

Tanta choradeira fez que lhe abri-

ram uma subscrição a bordo entre os passageiros, que rendeu mais de dez libras.

Assim pagou a viagem, fez os abonos e ainda ficou com algum dinheiro.



Num camarim do antigo Ginasio, o saudoso actor Vale caracterisava-se á pressa, na presença de alguns amigos.

De repente, dá por falta do nariz postiço, que em vez de estar sobre a bancada do camarim, tinha ido parar a uma cadeira.

—O' coiso! — exclama Vale ao alfaiate — onde está o meu nariz?

O alfaiate vendo-o sobre a cadeira: —Olhe, está ali... atrás daquelle senhor!



Uma anedocta de Ramada Curto, já lá vão alguns anos:

O conhecido advogado regressa a casa depois da *première* duma das suas peças, que o publico acolheu friamente. E' madrugada. O guarda nocturno está auzente ou anda num longinquo giro. Ramada Curto bate as palmas. Nada. Insiste. Nada ainda. Até que no fim dum quarto do hora de espera lobriga o «sereno», que vagarosamente desce a Rua do Mendo.

—O' homem! Venha depressa! Já esgotei as palmas dos meus admiradores! Estou aqui ha imenso tempo a aplaudir-me sem resultado!

O Homem das 5 horas

Impressões de primeira... fila



As espinhas do telefone

Evitemos as confusões,
baptizando os algarismos
com outros nomes

Toda a gente sabe os martírios que passa para falar ao telefone. Raramente as meninas fazem a ligação certa, confundindo o 2 com o 6 e o 7 com o 0. O *Diário de Notícias* arvitrou e a Companhia dos Telefones vai pôr em prática certas medidas, com o fim de evitar confusões.

Para não estar a imitar os brasileiros, o que seria deprimente para nós que os demos á luz, a Companhia vai adoptar outro sistema.

* * *

O algarismo 1, a que no Brasil se chama — *pausinho*, chamar-se-ha, devido ao seu aspecto despido de ornamentos, o — *nu*.

O 2, designar-se-ha por — *Marreca*.

O 6, que para os brasileiros é o *meia duzia*, será para nós o — *pescadinha de rabo na boca*.

O 7 passará a chamar-se o — *Machadinho*.

O 8 será o — *bidé*.

O 9 o — *Cabeça de agua*.

E o 0, que os brasileiros designam por *bolinha*, par nós será o — *argolinha*.

* * *

E como os nomes das estações, pelos vistos, também são susceptíveis de confusões, porque quando a gente pede *Trindade*, sempre as meninas nos ligam para Norte, e quando se pede *Norte*, sempre nos dão *Central*, mudamos-lhe também as alcunhas.

A *Central* passa a ser *Centro do meio*.

A *Norte* — *Boreal*.

E a *Trindade* — *Padre, Filho, Espirito Santo*.

Depois é só pedir as ligações. Exemplifiquemos:

Quere-se o numero — *Norte 5790*, diz-se:

Boreal, cinco, machadinho, cabeça de agua, argolinha.

Quere-se o numero *Central 3296*, pede-se — *Centro do meio*, 3, marreca, cabeça de agua, pescadinha de rabo na boca.

E' como se se estivesse a ver o proprio numero.

Para falar para — *Central 2218*, diz-se com a maior facilidade: — *Centro do meio*, dois marreca nu bidé.

* * *

Desejando falar para telefone que tenha varias distenções pede-se, como manda lista, P. B. X. e depois o numero respectivo. E' muito facil.

Exemplifiquemos: P. B. X. 21. Isto quere dizer na nova linguagem telefonica: — *Póde Boscencia Xamar o Marreca nu!*

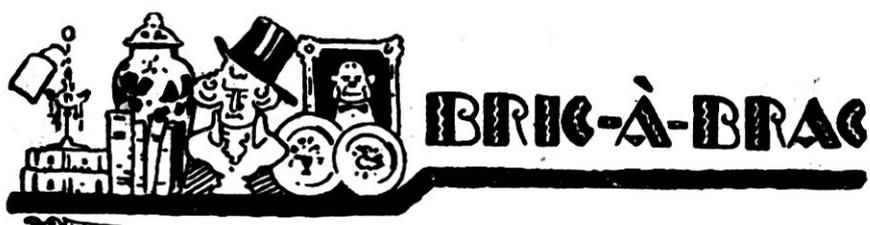
Outro exemplo: *Central 8*. Deve dizer-se com toda a delicadeza: — *Faz favor dá-me o bidé do centro do meio*.

Como se vê, isto é quasi intuitivo e pratico.

Acabam-se as confusões e começa a risota.

MIGUEL GUARDA FIO

BRISTOL CLUB DANCING
O MAIS ELEGANTE

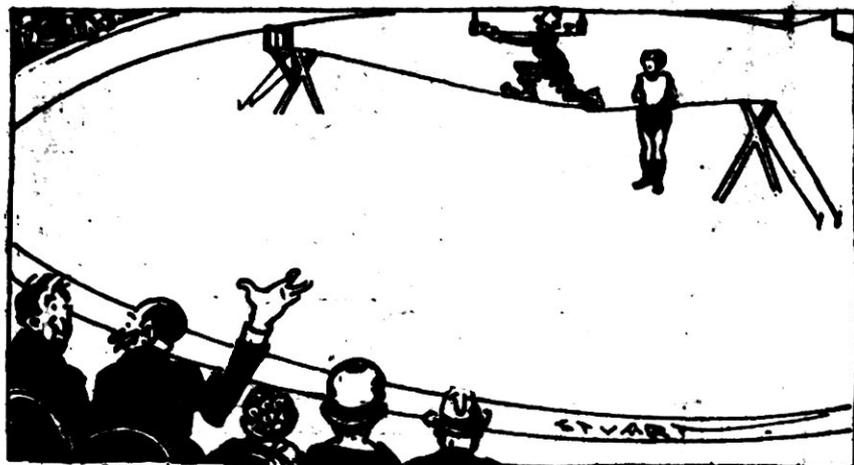


BRIC-À-BRAC

Marcha atraz

Como haja sido julgado
O nosso Felix Correia
Por um artigo atrazado,
E o tenham condenado
A três meses de cadeia,
Não ha quem me não convença
Que é por demais abusivo
O permitir-se a licença
De se dar á lei d'Imprensa
Efeito retroactivo.
Como é que a alguém satisfaz
Essa justiça que eu vejo
Iniciar marcha atraz
Co'a lentidão com que o faz
Ridiculo caranguejo?
Sei muito bem que a Censura
Passando prévia revista
Sobre a nossa literatura,
Impede queixa futura
Contra qualquer jornalista,
Se nos proibe um fiscal
O escrever como se pensa,
Nunca mais nenhum jornal
Terá d'ir ao tribunal
Per um delicto d'imprensa.
Responde por quanto eu digo
Quem a prosa me depura,
Pois colabora comigo;
Porque assina o meu artigo
A chancela da Censura!
Se dizia Censura, aos gritos:
— «Não mais delictos d'Imprensa!»
Os magistrados afflictos
Soluçam p'la verba imensa
Que vinha desses delictos!...
E, como não ha razão
P'ra processar mais artigos,
Não ha remedio senão
A Justiça lançar mão
D'alguns delictos antigos!...
E, sorrateira e sagaz,
A Justiça vai assim
A caminhar para traz,
Como o caranguejo faz
Ao dirigir-se a seu fim.
E aqui tens leitor honrado,
Porque é que o Felix Correia
Quando ha dias foi julgado,
Sem razão foi condenado
A três meses de cadeia.

João Fernandes



— Isto não e nadal Em Madria vi trabalhar assim, mas sem aramel

Mulheres

de cabelos curtos
cabelos compridos
e de cabelo na venta

As mulheres são seres bípedes e mamíferos que se dividem em duas espécies e uma variedade.

As duas espécies são: as de cabelos curtos e as de cabelos compridos. A variedade é a mulher de cabelo na venta.

A mulher de cabelos compridos corresponde hoje a um monumento nacional. Constitui um objecto digno de respeito publico, não só pelas virtudes que geralmente a adornam, como pela coragem de fugir ao corte geral, e pela paciencia de pentear todos os dias as longas e incomodas sedas.

Na sua maioria — claro que ha muitas excepções ás características que apontamos a qualquer dos grupos — levantam-se entre as onze e o meio dia e deitam-se á 1 hora da noite, depois duma peça para familias e dum chá em familia.

Os seus escritores preferidos são o sr. Antero de Figueiredo e o sr. Sousa Costa.

Namoram, em regra, sete anos e, quando porventura casam, já têm dobrado a casa dos trinta. Nunca se divorciam — por sua vontade.

As suas doenças características são: o linfatismo, a bronquite e a obesidade.

Vamos agora aos curtos! — como diria um *aficionado* do sector 4, numa tarde do D. Ruy.

As mulheres de cabelos curtos têm, geralmente, tudo das dimensões dos prolongamentos capilares: as saias, os seios — e o juizo...

Levantam-se quando o sol já tem atravessado para a banda onde se põe. E deitam-se muitas vezes já de manhã — até entre as dez e as onze.

Quando vão ao teatro, procuram a dedo as peças de escandalo — e não ha nada que as escandalise. Chá não tomam — porque não se habituaram. Quando muito, molham os labios — para inglês ver.

Livros só lêem os que estão comprehendidos na linha que vai de Victor Margueritte á D. Judith Teixeira...

Não namoram — porque acham que não vale a pena. Dizem que é tempo perdido e elas não querem perder coisa alguma. Em compensação, conversam, *flirtam*, — e *muchas cosas más*...

Se, por acaso, casam, o divorcio é garantido. E ha mesmo algumas que arranjam divorcio — em série...

As doenças mais vulgares nessas senhoras são: o histerismo, a neura, a cinemania e o culto do *Charleston*. Algumas tomam cocaína.

Vejamos agora a variedade:

Chama-se mulher de cabelo na venta áquel exemplar de femea que é dotado de natureza irascivel e que veio ao mundo de proposito para ralar os figados ao bicho-homem. Tem todos os defeitos das duas especies, acrescentando geralmente a circunstancia de ser sufragista, livre-pensadora, malcreada e *radioescucha*.

O leitor, que escolha dentre estas três qualidades de bichas — a que lhe fór mais ao feitio...

FANTOMAS

BRISTOL CLUB DANCING

Jantar concerto das 19 ás 22 h.

O grande Homem

e os seus fantasmas

Um distinto colaborador do *Sempre Fixe*, está ultimando uma interessantíssima peça em 17 quadros, que, por uma singular coincidência, como aquela que os nossos revisteiros apresentam com as revistas estrangeiras, intitulou: *O grande homem e os seus fantasmas*.

Passamos a dar uma resenha do bello trabalho do nosso colaborador.

O protagonista chama-se: O grande homem. O encenador deve collocar-lhe no peito uma fera, e em todo o semblante um ar de mata-frades.

1.º QUADRO. — *Na Serra.* — (Até parece o serra da Estrela).

(O grande homem para o amigo),

— Aborreço-me.

— Ela é bonita. Repara que tem tração... Muitos seculos de existencia e tem um bonito nome: — Monarquia. E' coroada.

— Fantasias. Ando agora interessado por uma linda rapariga de barrete encarnado.

Passa uma beata que escuta a conversa dos dois amigos.

— Ainda cá não vir parar.

2.º QUADRO. — *No centro* — (O grande homem e o amigo).

O amigo: — Mais uma. Como se chama?

— Maria do Arado. Adeus.

3.º QUADRO. — (O grande homem e a rapariga do barrete).

A rapariga do barrete: — Deixas-me. Bem adivinho. Para onde vais tu? Tu aqui é que estás bem, tens aqui tudo, os teus correligionarios.

— Não posso. São horas de tomar o comboio. Vou para Paris.

— Quem te chama lá?

— A Patria.

4.º QUADRO. — (O grande homem e o amigo).

O amigo: — E' singular. Note em ti um estranho nervosismo. Parece que estás feito com o diabo. Não queres

ver ninguem. Lá que tu expulses os padres, acabes com os frades, compreendo-se. Mas as freiras. Estás num verdadeiro delirio de separação.

O grande homem: — Que horas são? Adeus. As mulheres são a minha obsecção e, no fundo, desprezo-as. Olha, vou agora desfazer-me de 15.000 virgens.

— E'... conquistador... D. Juan!...

5.º QUADRO. — (Na rua).

O grande homem: — Na verdade, de todas as mulheres, a que talvez me interesse, é essa rapariga do barrete encarnado. Estás doido... Só fiz disparates. Ando af na rua arrastado, cheio de lama... Chego até a ter pena, quando penso que teria sido por minha causa. Mas sou assim... Uma ambição enorme a devorar-me misteriosamente o peito...

6.º QUADRO. — (A louca).

O grande homem: — Republica... Ouve-me, não me conheces?...

A louca: — Tenho aqui no meu barretinho um lindo imperio colonial... Ah!... Ah!... As potencias gostam muito de mim e um principe quere casar comigo... Ah!... Ah!... Trago aqui no meu barretinho as ossadas dos nossos descobridores, e isso dá-me sorte...

— Republica. Tem juizo! Não me conheces?...

— O senhor?... Com esse riso de Satanaz... Saia daqui... Saia... O senhor vem aqui para roubar as minhas esperanças, e metê-las debaixo dum banco... dum banco... dum banco de cozinha... onde cabem as nossas colonias... Ah!... Ah!... Ah!... Que vontade de rir!...

7.º QUADRO. — (O grande homem e o amigo).

O grande homem: — Começo a sentir-me cansado. Preciso de paz... Fizera bem em me dar esta missão de

assistir a conferencias. Dorme-se muito boas sonecas.

8.º QUADRO. — (No café).

Duas mulheres, a senhora revolução, e a mulher do povo.

A revolução: — Eu vou para a rua, mas tenho o pressentimento que o meu homem não aparece. Faça-se o que se fizer, ele não volta. Que tristeza...

A mulher do povo: — Ora, mas vamos como todos. Eles fazem de nós o que querem. Já tive um amante que gostava de mim, e pensava numa marquezia.

9.º QUADRO. — (No hotel).

O grande homem: — Estes banquetes da paz, e estas conferencias fazem-me envelhecer. Depois, eu não acredito em medicos.

— Venha você ás bruxas...

10.º QUADRO. — (Sessão de espiritismo).

A bruxa: — Como se chama o espirito?

O espirito: — A Historta.

A bruxa: — E' singular. E vai a cair para cima do grande homem. Crede!... A Historia quere zurzi-lo.

O grande homem: — Mentira... Não acredito em mistificações. A Historia é feita pelos jornais meus amigos... O resto é falso.

11.º QUADRO. — (Em casa).

O grande homem e a bruxa.

A bruxa: — Tenha cuidado, senhor. Os fantasmas andam a persegui-lo. Adivinho não sei o quê... Cheira-me aqui a carro electrico. E' uma profecia. Tenha cuidado com os carros electricos...

12.º QUADRO.

O grande homem e o doutor.

— Doutor. Eu não acreditava... Mas na realidade, senti um estoiro formidavel e... julguei que era um

fantasma e atirei-me pela janela fóra.

13.º QUADRO. — (O grande homem e a sua sombra).

O grande homem, sózinho, falando á sua sombra: — Começo a ter receio. Dizem-me que para afastar certos perigos, são bons os bancos, e as boas companhias. Eu já não posso estar só. Preciso de muitas companhias — e de muitos bancos...

14.º QUADRO. — Telefone.

(O grande homem ao aparelho): — Está... Onde fala?... E' do Banco... O quê... Marino?... Queira desligar. E' engano... Eu queria era falar com o soldado desconhecido... E' partida dos fantasmas...

15.º QUADRO. — No quarto.

O grande homem: — Já não me deixam dormir... Já não me basta a Paz das conferencias.

16.º QUADRO. — No quarto.

O grande homem: — Estou cansado. Eu destruí. Os fantasmas perseguem-me por toda a parte... Vou ver se durmo.

17.º QUADRO. — A dança dos fantasmas.

Os fantasmas: — Traiste-nos. Arrastaste-nos á ternura e ao crime...

O grande homem: — Acudam-me! (Entra um vulto coberto de crépes). Parece-se muito com a rapariga do barrete encarnado. A' sua entrada os fantasmas, em que se vê, entre outros, as 75 mil virgens, freiras, Maria do Arado, saem). O grande homem, pacificado, olha o espectro, que, parece a rapariga do barrete vermelho.

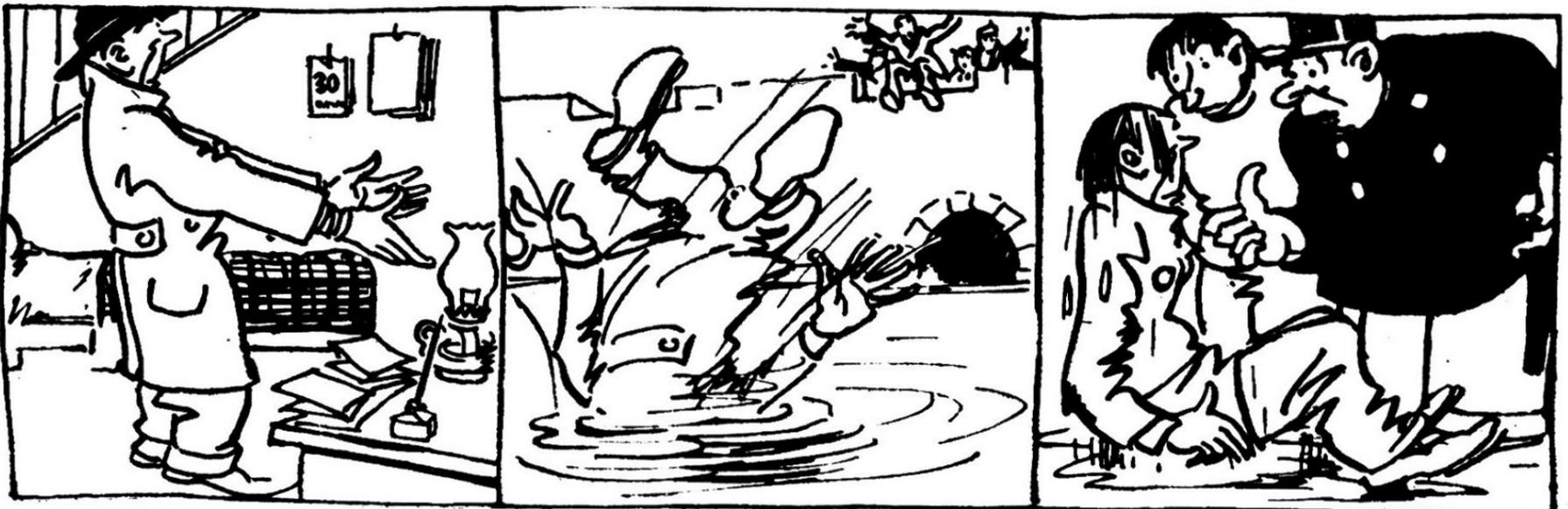
— O' mãesinha!

CAI O PANO

definitivamente

E. F.

A ULTIMA DIVIDA



Estou chelo de dividas. Não tenho outro remedio senão suicidar-me...

Um grande e tetrico mergulho á sahida do caneiro de Alcantara...

— O senhor deve a vida a este homem! — Mais uma divida!...



Joaquim Fernandes, az do volante, possuidor do celebre *Isotta-Esmifra* que infelizmente não chegou a fazer faisea no *Kilolitro desarrincado* — revelou-se, á ultima hora, um az do piadão.

Numa entrevista concedida ao *papá Diario de Lisboa*, afirma que numa nova prova ha de desmentir que:

—«aquelas alucinantes «medias» abundantemente historiadas á mesa do café, não passam afinal de: «medias kilometricas linguais.»

E como esta ultima frase é patente de invenção do *Fixe*, sempre diremos ao susceptivel az que ela se entendia com os possuidores de carros *super-hiper-sport* que se limitaram, na corrida, a ir para a tribuna das senhoras...

Em todo o caso regozijamo-nos com a citação que demonstra, ao menos, que os *Desportos* do *Fixe* já têm um leitor. Vamos pedir aumento de ordenado...

De resto, a citação foi tão literalmente respeitada, que até dá a impressão de que a entrevista entrou no *Diario de Lisboa*, pelo seu pé — e já pronta...

Achamos bem que Joaquim Fernandes espere confiante o dia de jubilo final.

Porque nós tambem esperamos confiantes: — o dia de jaizo final...

Hão-de vir, segundo as celestes posturas, muitos anjinhos de brancas azas, tocando em *klaksons* atroadores. Após o que, com a ajuda do sr. Ferreira do Amaral deverá organizar-se um serviço de ordem. Os justos irão para o céu em *Isottas-Esmifras* a 480 quiometros á hora.

Para o inferno estabelecer-se-hão carreiras de *taxi Citroën*, tarifa 1, com grande gaudio do Eduardo Rosa, porque não ha de faltar freguezia.

Eu tenciono arranjar um bilheteinho de favor para o purgatorio. Mas, para maior segurança irei de burro — que hei de requisitar a tempo e horas...

* * *

No momento em que escrevemos ainda se não sabe de certeza se se realiza ou não o Portugal-Hungria.

Se não se realizar, Avila de Melo, secretario da Federação Portuguesa de Foot-ball Association, realizará proximamente, no Porto, uma conferencia subordinada ao tema:

—«Como se negociam desafios internacionais...»

* * *

A *equipe de rugby dos Maoris* que

Balada da "alma,, que se perdeu

Baila! Baila! Rodopia e dansa!
De pontapés a bola é sempre o centro.
Deixa-a girar. Deixa viver na esperança
que'inda ha de entrar pelas balisas dentro...

Sorri a bola
dos pontapés que lhe vão dando.
E diz consigo: —«Não teem «tola»
os mamarrachos que estão «shootando!»

Vai ter ás nuvens, ao infinito.
De vez em quando ouve-se um grito
da multidão toda contente:
Agora! Agora! Agora!
Mas foi p'ra fóra...
Infelizmente...!

E' sempre assim—verdade seja!
Muitos «bonitos», muita passagem...
que é dela a alma, que é da coragem,
que é da «genica» que na peleja
punha a «gajada» das outras eras?
Eras saudosas! Eras remotas!
Corria sangue naquelas veias!
Agora: — ha notas!
E as algibeiras andam bem cheias...

Bailarinos loucos de pontapé,
não teem sangue mas capilé!

Raila! Baila! Rodopia e dansa!
De pontapés a bola é sempre o centro.
Deixa-a girar que já perdeu a esperança
de um dia entrar pelas balisas dentro.

Zé Maria

O I Portugal-Hungria



O *foot-ball lisboeta*---Com 7 golos de azeite e 4 latas de conserva sinto-me tão "teso" que sou capaz de matar os húngaros...

tem andado em *tournee* pela Europa, é constituida por indigenas da Nova Zelandia que agora manejam a bola com o mesmo *entrain* com que ha um seculo eram antorpofagos...

Quando estiveram em Inglaterra, um dos componentes da *equipe* dizia orgulhosamente, para o secretario da Federação Inglesa:

—«Não sei se sabe que eu tenho sangue inglês nas veias!»

—«Essa é boa! — respondeu o outro — e porquê?»

—«Porque o meu avó comeu uma vez um missionario...»

* * *

Ha em Setubal um esplendido *gazon* em que uma pessoa muito conhecida na nossa melhor sociedade, se entrega, de quando em vez, ao desporto do *canotage*...

O *racer* é esplendido — apenas se encontra um pouquinho mal tratado... O mecanico é da era da pedra lascada...

Ha dias, andando com uns convidados, o barco parou no meio do Sado, por obstrução do *gideur*.

Diz'a o mecanico:

—«De vez em quando, é isto! Está o *chico loiro* entupido!»

* * *

Silvestre Rosmaninho, depois de ter tido como *footballer*, todos os desaires e maçadas dos jogadores — reformou-se e passou a espectador. Nesta qualidade teve no campo do Sporting um conflito de tal ordem, que foi preso, julgado e condenado.

Resolveu mudar de categoria e metter-se a dirigente.

Mas não foi mais feliz. Agora, por causa dumas trapalhadas de Roquete na Madeira, vê-se envolvido nelas por ter assinado uma carta como secretario — que é — do *Casa Pia*.

Se Rosmaninho continua em progressão de *chance*, ainda o havemos de ver, por amor do *foot-ball*: — deportado para Timor!

* * *

No ultimo encontro Vitoria-União, varios *sportsmen* abriram a cabeça ao juiz, á pedrada.

Mas, trabalhando segundo as boas regras de civilidade, tiveram o cuidado de envolver as pedras em papel de seda — á maneira de *lunch*...

E como foram quatro as pedradas, pôde dizer-se que o arbitro comeu *pe-la-tarifa*...

REBOLA-A-BOLA

O "Sempre Fixe" da rua presta antecipada homenagem ao "Sempre Fixe" do palco

Que a nova peça do
Maria Victoria
fique sempre fixe no cartaz
e seja
a sempre fixe das revistas!



Antonio Macedo

O empresario «ardina» apregoando a nova revista do ano

Fado do Povo

Artista

Co'a desculpa do progresso
os que mandam nisto, á tôa
descobriram o processo
d'arrazar meia Lisboa.

E com furia desusada
e sem sombra de temôr
nem respeitam a morada
de Jesus, Nossa Senhor.

Refrain

Por mim, sei bem,
não sou ninguém,
nem p'ra eles vale nada
a casinha onde nasci
e onde minha mãe perdi...
Mas a igreja que é sagrada
e secular,
tem lá dentro Jesus Cristo,
e é um crime nunca visto
arrancá-lo do altar!

Côro

Sim, a igreja que é sagrada
e secular
tem lá dentro Jesus Cristo
e é um crime nunca visto
arrancá-lo do altar.

II

Artista (tirando do bolso do avental, uma
pedra lósca que olha com ternura)

Guardarei, por toda a vida,
p'ra lembrar-me a sorte crua,
esta pedra tão polida
que arranquei da minha rua.

Será ela, negra e raze,
prova unica, também,
de que um dia tive casa,
tive infancia e tive mãe!

Refrain

Por mim, sei bem;
etc., etc.

A Procissão

Semana Santa!... Mas p'ra que é que mentes?!
Não, hoje já não ha semanas santas!...
Hoje, desse passado, — infelizmente
Só resta uma semana igual a tantas.
Eu nunca vi nenhuma procissão...
Mas p'lo que tenho ouvido e sinto em mim,
— Diz-mo o coração! —

(Em êxtase)

Devia ser... devia ser assim:
Logo de manhã cedo o pobre povo,
Contente, com seus fatos domingueiros,
Saia, enchia as ruas como um ôvo,
Para ser o primeiro entre os primeiros!...
Pelo ar, o pregão do amendoim,
Ligava-se ao confuso vozear,
E arômas d'alfazema e d'alecrim,
Trilhados pelos pés, — enchiam o ar!
Passava a procissão!... Alas de tropa;
Colchas de sêda presas das jançlas,
E em muitos olhos tristes de cachopa,
— Lagrimas santas; lagrimas belas!...
No seu andôr,
Trazido aos ombros pela fidalguia,
Vinha, depois, Jesus, Nosso Senhor,
Tal como foi crucificado um dia!...
E tudo desfilava humildemente...
Tombava a noite; ia-se o sol em braza
E, por fim, todo o povo, toda a gente,
Comprava amendoas; regressava a casa!...
E eu nunca vi nenhuma procissão!...
Mas, p'la visão que dentro de mim se encerra,
Mataram a mais linda tradição
Da nossa linda terra!